

As atrações em uma trajetória intelectual: A força das mestras

The attractions in the intellectual path: The strength of the female masters

ANA CAROLINA DAMBORIARENA ESCOSTEGUY^a

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.
Porto Alegre – RS, Brasil

RESUMO

Trata-se de um relato sobre parte da trajetória intelectual da autora, sobretudo daquela vinculada ao período de sua formação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Para tal, destaca a atração despertada por três mestras: Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Dulcília Buitoni e Cremilda Medina. O exercício autorreflexivo tem como ponto de partida o presente, amparando-se na rememoração de experiências. Sendo assim, recupera focos de interesse que se expressam no seu programa de estudos, bem como princípios que norteiam sua prática em estudos culturais. No desenovelar das atrações, percebe-se a fortaleza desses fios no seu fazer intelectual.

Palavras-chave: Trajetória intelectual; experiência; estudos culturais; metodologia; pesquisa

ABSTRACT

This is an account of part of the author's intellectual trajectory, especially that linked to the period of her studies at the School of Communication and Arts of the University of São Paulo. To do so, it highlights the attraction awakened by three masters: Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Dulcília Buitoni and Cremilda Medina. The self-reflective exercise has the present as its starting point, based on the recollection of experiences. Hence, it recovers focuses of interest that are expressed in her program of studies, as well as principles that guide her practice in cultural studies. By unfolding these attractions, one can see the strength of these threads in her intellectual production.

Keywords: Intellectual path; experience; cultural studies; methodology; research

^a Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0361-6404>. E-mail: carolad2017@gmail.com

D

As atrações em uma trajetória intelectual

Contar es un gesto político encarnado en experiencias situadas que producen saberes toda vez que se deja interpelar, cuestionar y responder a lo inesperado.

– Mariana Alvarado

DIANTE DO DESAFIO de produzir uma narrativa sobre o próprio percurso intelectual e para atender ao tema proposto de identificar em quais momentos a conexão com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) foi relevante nesse itinerário, optei por destacar a atração que exerceram em mim distintos focos de interesse, motivados por mestras, vinculadas a esse programa de pós-graduação, na minha formação intelectual. Por essa via, pretendo olhar em retrospectiva tais cruzamentos com suas trajetórias à luz das minhas atuais preocupações. Sendo assim, rememoro as ligações particulares que estabeleci, em especial com Maria Immacolata Vassallo de Lopes, mas também com Dulcília Schroeder Buitoni e Cremilda Medina, refazendo parte de meu trajeto intelectual no qual o presente é o ponto de partida e organizador deste relato autorreflexivo.

Porém, antes de avançar, tratando-se de texto de caráter autobiográfico, registro que este foi construído a partir de um lugar de privilégio social e cultural. A paisagem que marcou minha infância foi o campo, lugar onde vivi até os seis anos. Alfabetizada no espaço doméstico e rural, meu ingresso na segunda série, em um colégio municipal, se deu quando fui morar na cidade fronteira de Santana do Livramento (RS), com essa mesma idade. Essa foi a primeira das grandes mudanças na minha formação. Aos 16 anos, foi à faculdade em Comunicação, cursada em universidade privada, em Pelotas (RS). Depois, veio a chegada em 1984 na capital do estado, já formada, quando me matriculei em curso de especialização, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Pouco tempo depois, em 1986, aos 23 anos, iniciei minha trajetória na docência na mesma universidade, onde permaneci até 2017. Nessa posição, fiz mestrado e doutorado na ECA-USP, bem como formei e firmei minha afinidade com os estudos culturais. Por último, mas não menos importante, realizo esta escrita como mulher branca, entendendo que tanto na minha vida particular como na minha atuação pública, de professora e pesquisadora, exerço meu engajamento a partir de uma prática feminista.

A seguir, mediante o trabalho de lembrar, seguindo a pista de Martín-Barbero (2010, p. 133)¹ de que “fazer memória ... significa aqui *lembrar* intersubjetivamente, isto é, assumindo a parte do testemunho de quem recorda ...”, trago à tona algumas experiências tramadas nesse novelo que compõe uma parte do meu trajeto intelectual. Assim, este contar associa-se a uma noção de experiência que remete ao legado de Raymond Williams e E. P. Thompson, vinculando-a

¹ No original: Hacer memoria... significa aquí *recordar* intersubjetivamente, esto es asumiendo la parte del testimonio de quien recuerda...

a paixões, sentimentos e percepções, isto é, “a uma ampla gama de registros do mundo ancorados a uma subjetividade atravessada pela relação entre passado e presente no marco de um terreno não-escolhido, marcado pelas circunstâncias históricas”² (Valeria Fernández Hasan, 2017, p. 105). Portanto, destaco deliberadamente vivências que, por sua vez, enovelam-se com as mestras já citadas e com o período de estudos de pós-graduação, em São Paulo. Um projeto de formação acalentado desde o tempo de estudante de graduação, no início dos anos 1980.

Para organizar este relato, em primeiro lugar, recapitulo focos de interesse que se expressam no meu programa de estudos como temas e objetos de estudo, emoldurados por apropriações teóricas e metodológicas, balizadas pela minha formação na ECA. Em um segundo momento, explico princípios que norteiam minha prática em estudos culturais, procurando relacioná-los com as distintas atrações rememoradas. Reconheço, no entanto, que “a busca da reminiscência autêntica, à margem da corrosão temporal, é uma quimera, toda recordação contém relativa arbitrariedade no seu rearranjo, o presente é um fator dinâmico, intrínseco ao processo mnemônico” (Ortiz, 2010, p. 12). Nesse desenovelar de atravessamentos e atrações, percebo ainda hoje a fortaleza desses fios no meu fazer intelectual.

²No original: una gama amplia de registros del mundo anclados a una subjetividad atravesada por la relación entre pasado y presente en el marco de un terreno no elegido, marcado por las circunstancias históricas.

FAZENDO MEMÓRIA: DA DESCOBERTA DA METODOLOGIA E DO POPULAR

No período entre 1988-1993 e 1995-2000 convivi com Maria Immacolata Vassallo de Lopes, minha orientadora nos dois níveis de pós-graduação, mestrado e doutorado. O primeiro período foi decisivo no meu percurso. Foi ao longo de suas disciplinas que aprendi e desenvolvi o gosto pela metodologia ao ponto de alterar e reconstruir minha proposta original de estudo. Essa atração e afinidade com seu programa de pesquisa é explícita na dissertação, mas também têm fortes repercussões no meu doutorado, alcançando a atualidade.

No mestrado, período de descoberta da metodologia como âmbito crucial de reflexão, crítica e treinamento, optei por usar seu “modelo metodológico” que “propõe elaborar a pesquisa atendendo às demandas metodológicas expressas em níveis e fases que se articulam formando um modelo em rede” (Maria Immacolata V. de Lopes, 2016, p. 188), para a desconstrução de um conjunto de pesquisas, isto é, como chave analítica para exame interno de investigações concluídas.

Ao publicar alguns dos resultados da dissertação, anotei que

[...] o ponto de partida do modelo metodológico utilizado é a pressuposição de uma teoria da pesquisa baseada no princípio de autonomia relativa de toda a pesquisa. Isto é, o discurso científico pressupõe uma *legitimidade interna* [ênfase adicionada] que diz respeito a resoluções e operações internas e formais que validam-no como tal mas, ao mesmo tempo, deve comportar uma *legitimidade*

externa [ênfase adicionada] que trata de seu reconhecimento histórico, adequação e pertinência enquanto objeto socialmente qualificado. (Escosteguy, 1995, p. 22)

Para além da utilidade do *modelo*, o que me atraía era a articulação que estava implícita entre conhecimento científico e circunstâncias históricas. Essa ideia continua em vigência na minha prática de pesquisa.

Meu primeiro contato com as premissas desse “modelo” ocorreu nas aulas de Maria Immacolata. Pouco tempo depois, a publicação *Pesquisa em Comunicação: Formulação de um Modelo Metodológico* (Maria Immacolata V. de Lopes, 1990) tornou-se um livro de manuseio constante tanto nesse período como posteriormente, quando passei a lecionar a disciplina de Metodologia da Pesquisa na PUC-RS. Ao usar o modelo como ferramenta analítica, o tema que assumiu centralidade no novo rumo da dissertação foi, por conseguinte, a própria investigação. E, desse modo, configurou-se como uma pesquisa sobre a pesquisa, intitulada *A Pesquisa do Popular na Comunicação: Uma Análise Metodológica* (Ana Carolina Escosteguy, 1993).

Era o final dos anos 1980 quando iniciei o mestrado, época de um eferescente movimento teórico crítico que lastreou o desenvolvimento dos estudos latino-americanos de recepção. Esses, por sua vez, estavam em conexão com a reflexão sobre culturas populares, em especial alavancada por Jesús Martín-Barbero (1987) e Néstor García Canclini (1989/1997). Embora ao ingressar na ECA já estivesse interessada no exame de práticas de comunicação popular e alternativa, temática bem acolhida na pesquisa acadêmica nos 1980, desconhecia a obra desses autores. Meu primeiro contato com ela ocorreu, também, sob a batuta de Maria Immacolata.

Recordo meu assombro com a leitura de *As Culturas Populares no Capitalismo*, em que Canclini (1983, p. 11) questionava: “o que é a cultura popular: criação espontânea do povo, sua memória convertida em mercadoria ou o espetáculo exótico de uma situação de atraso que a indústria vem reduzindo a uma curiosidade turística?”

Igualmente, surpreendia e impactava a posição de Martín-Barbero (1978/1987, p. 221):

A escritura massiva é tão escritura como a culta, que na primeira também se faz e desfaz a língua, também nela trabalham a história e a pulsão, da mesma forma que na escritura culta, desejando-se ou não, se reproduz o sistema e o sujo comércio incuba sua demanda.

Portanto, encorajada por essas leituras, pretendi, no mestrado, examinar se havia sintonia entre esse debate teórico que se expandia desde o final dos anos 1970 – que era, no final dos anos 1980, chamado de “novo marco teórico latino-americano” – e a pesquisa acadêmica em Comunicação (Ana Carolina Escosteguy, 1993). O estudo assumiu, então, o desafio de apresentar um estado

da arte sobre o universo da investigação em relação à problemática do popular na Comunicação, analisando a produção de teses e dissertações do intervalo 1970-1990 dos cinco principais programas de pós-graduação em Comunicação do país naquele período: ECA-USP; Instituto Metodista de São Bernardo; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Universidade de Brasília; e Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Entre os resultados mais importantes desse estudo, identifiquei uma defasagem entre a pujança do debate teórico e a timidez da prática da pesquisa empírica que abordava a problemática do popular. Se o primeiro consistia em um movimento de revisão de modelos teóricos dominantes, elaborando tanto um exame crítico deles como uma nova formulação, a investigação empírica mostrava-se acanhada na incorporação desse novo olhar não essencialista sobre o popular, que passava a ser visto como um espaço ambivalente, atravessado tanto pelo massivo como pelo culto e composto tanto por resistências como por submissões.

Esse achado foi estimulante e, em grande medida, encorajou meu retorno à ECA para o doutoramento. Estava interessada em aprofundar meu estudo nas contribuições teóricas e metodológicas daqueles dois autores. Esse tipo de abordagem fomentava o processo de afinidade com um dos objetos-marco do programa de estudos de Maria Immacolata (2016, p. 186): a metodologia. E, claro, os autores escolhidos, também, convergiam com seus interesses. Portanto, apresentei minha candidatura ao doutorado, em 1994, pretendendo ser novamente orientanda dessa mestra, com uma proposta intitulada *Estudos Culturais na América Latina: A Vertente da Comunicação*.

Ao final dos estudos, o trabalho ganhou novo título, *Cartografia dos Estudos Culturais: Uma Versão Latino-Americana*, publicado em 2001, em edição esgotada³, desenhando a linha de pesquisa que iria seguir daí em diante. Ao compreender os estudos culturais como um programa de pesquisa, composto por premissas epistemológicas, teóricas e problemáticas de estudo, avalio que meu interesse maior está situado na metodologia, atração já atribuída ao vigor do pensamento da mestra Maria Immacolata.

Além disso, constato que a tese deu origem a diversas inquietações que ainda vão me acompanhar por algum tempo. No futuro, gostaria ainda de tratar das dinâmicas particulares de legitimação acadêmica de um saber – os estudos culturais – no território acadêmico-intelectual onde me situo, na Comunicação. No contexto nacional, os estudos culturais não se institucionalizaram como um campo próprio. Em combates e disputas com distintos campos de conhecimento, conquistaram seu lugar, estabelecendo desenvolvimentos particulares em distintas áreas, por exemplo, na Educação e na Teoria Literária, e forjaram uma prática própria, também, na Comunicação.

³ Em 2010, ganhou versão on-line, em acesso aberto, embora atualmente não faça parte mais do catálogo da editora.

Desenovelando os passos dados, vejo como inequívocos os ensinamentos de Maria Immacolata (2016, p. 185), extraídos agora de sua autorreflexão sobre o itinerário intelectual percorrido, de que “a escolha dos temas de pesquisa dificilmente é responsabilidade exclusiva do pesquisador, antes, ela deve ser creditada a fatores subjetivos e objetivos, tanto micro como macrosociais”. Sendo assim, entrevejo, por um lado, meu encantamento com o aprendizado em sala de aula, minha descoberta e atração por determinados temas, mediante a leitura e a tomada de contato com a bibliografia latino-americana. Por outro, vislumbro as discussões teóricas emergentes e em circulação, em determinados territórios e períodos, bem como as características e condições de existência do próprio campo da Comunicação, principalmente, no Brasil, mas também nas suas relações com a América Latina.

Na próxima seção, alinhavo alguns princípios de ordem epistemológico-política que orientam minha prática de pesquisa e docência, amarrando-os ao despertar de outras atrações. Recorro novamente à memória, tentando recuperar vestígios, apagados pelo tempo e ocultos à primeira vista, nessa trilha, deixados por outras duas mestras, Dulcília e Cremilda, a quem muito devo. Esse é mais um gesto que mira resgatar experiências e formas de ensinar, acompanhar, intervir e construir conhecimentos que se dão na lida cotidiana da docência, mas são subestimados nas histórias intelectuais correntes.

A PRÁTICA INTELLECTUAL COM VOCAÇÃO POLÍTICA

Considerando minha afinidade com os estudos culturais, é inevitável iniciar pela potência de duas premissas que estruturam esse programa de pesquisa. A primeira diz respeito ao comprometimento com a possibilidade de transformação social. A outra trata do entendimento de que a prática intelectual se dá em estreita convergência com intervenções políticas concretas. Hoje em dia, estas últimas desenovelam-se na minha atuação profissional em três fios distintos, ainda que entretecidos.

O primeiro deles diz respeito ao meu vínculo com um movimento emergente de reparação e de reconhecimento dos modos particulares de produção de conhecimento de mulheres, principalmente daquelas que contribuíram para a legitimação e, em alguns casos, para a institucionalização do campo acadêmico da Comunicação. Apenas recentemente percebi que as genealogias da história intelectual da área têm menosprezado o papel e a importância de muitas mestras que participaram ativamente – seja na formação de recursos humanos, seja na configuração intelectual do campo – e que os modos de discriminação nem sempre são evidentes, o que retarda nossa própria percepção dos impedimentos que sofremos.

Por um lado, minha atuação docente nessa trilha, desde o início dos anos 2000 e, em especial, a partir de 2018, tem focado justamente na proposição de cursos e seminários, tanto na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)⁴ quanto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sobre Estudos Culturais Feministas, destacando autoras-pesquisadoras estrangeiras⁵ de pouca ou quase nenhuma circulação no meio acadêmico nacional, bem como uma nova geração de pesquisadoras brasileiras⁶ que tem se relacionado com os estudos culturais ou com temas transversais a eles. Reforço que essas atividades se dão no âmbito da Comunicação⁷.

Por outro lado, a pesquisa e parte de minha produção intelectual têm também aderência a essa temática. Por exemplo, um dos eixos da pesquisa *A Prática em Estudos Culturais e Comunicação: Teoria e Pesquisa*, desenvolvida no período 2018-2022 com o financiamento do CNPq, esboçou uma caracterização do que denominei provisoriamente de *crítica feminista de mídia* e fomentou a elaboração de nova proposta. Desse modo, no projeto *Comunicação e Estudos Culturais Feministas: Genealogias e Trajetórias (2022-2025)*, também financiado, o foco foi redesenhado para o exame específico do papel e dos aportes, principalmente, de pesquisadoras mulheres para a área. A motivação principal está centrada na reconsideração de fontes, compreendidas como trajetórias intelectuais de pesquisadoras que se notabilizaram por seus respectivos trabalhos de investigação dentro do campo mencionado, mirando robustecer a nomeação *estudos culturais feministas*.

Esse programa completa um ciclo de 20 anos como bolsista em Produtividade em Pesquisa (PQ), iniciado com a investigação *Os Estudos Culturais e a Problemática da Recepção: A Categoria Gênero em Debate (2001-2003)*. Essa pesquisa produziu um levantamento e uma análise dos estudos brasileiros de recepção da década de 1990 e o uso dado ao conceito de gênero. A repercussão da produção gerada no contexto dessa investigação não se deu de imediato, mas ultimamente ganhou certa referência, pois demonstra o fraco interesse desses estudos pela problemática de gênero, o que contrasta com a pujança atual (por exemplo, Ana Carolina Escosteguy, 2002, 2004).

Além disso, em termos de produção intelectual, tenho empenhado esforços na direção de reconstituir, em chave histórica, rastros de influxos teóricos associados aos feminismos do Brasil, mas também do Norte, e seu impacto na agenda nacional de pesquisa em Comunicação e gênero (Ana Carolina Escosteguy, 2020a). Igualmente, em perspectiva histórica, experimentei uma via metodológica que transita entre biografia intelectual e história da pesquisa latino-americana em Comunicação, na análise de

⁴ Onde atuei como professora visitante, no período de 2017-2020.

⁵ Entre elas, Charlotte Brunsdon, Janice Winship, Ann Gray, Hazel Carby, Pratibha Parmar, Valerie Amos, Joanne Hollows, Rosalind Gill, Michèle Mattelart, Silvia Elizalde, Silvia Delfino, Marta Rizo, Aimée Vega Montiel e Claudia Laudano.

⁶ Da nova geração, Tatiane Cruz Leal Costa, Lígia Campos Cerqueira Lana, Milena Freire de Oliveira-Cruz, Lírian Sifuentes, Fernanda Nascimento, Rayza Sarmento, Fernanda Carrera, Laura Guimarães Corrêa, Winnie Bueno, Mariana Selister Gomes, entre muitas outras.

⁷ Antes disso, ministrei aulas esparsas sobre questões feministas e comunicação, na graduação e pós-graduação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e senti na pele um certo repúdio, não identificação e distanciamento do corpo estudantil com esse tema.

D

As atrações em uma trajetória intelectual

⁸ O marco de 1998 foi atribuído ao impacto gerado pela leitura de *Learning from Experience: Cultural Studies and Feminism*, de Ann Gray (1997). Nessa obra, a autora sustentava que as contribuições feministas aos estudos de recepção tinham sido obliteradas, devido ao caráter patriarcal dos estudos culturais, praticado sobretudo nos anos 1970-1980, no contexto inglês. Ver Ana Carolina Escosteguy (2020a).

⁹ Sobre esse aspecto, nota-se uma conexão com a semiologia francesa, sobretudo com a noção de mito proposta por Roland Barthes, o que conecta sua pesquisa com outra pioneira nos cruzamentos entre estudos de comunicação e questões de gênero, Michèle Mattelart.

¹⁰ Como registro desses encontros, encontrei entre meus arquivos um xerox muito desgastado com uma marcação da disciplina da Dulcília.

O texto é *Talking Pictures: Field Method and Visual Mode*, de Ximena Bunster (1977). No que diz respeito ao meu interesse pelos vínculos entre imagem e metodologia, isso somente adquiriu saliência durante pesquisa realizada no meio rural, entre 2014 e 2017. Em uma primeira etapa, a fotografia foi incorporada como registro, ilustração e devolutiva da pesquisa e, posteriormente, como mais um instrumento na estratégia metodológica com a finalidade de elaborar narrativas visuais sobre as propriedades rurais visitadas e de incluir retratos dos(as) entrevistados(as) com seus meios de comunicação favoritos. Essa referência não foi usada nesses trabalhos.

Diante do trabalho de rememorar meus anos na ECA é que me deparei com ela. Ver Ana Carolina Escosteguy, João Vicente Ribas e Aline Bianchini (2019).

momentos chave do itinerário de Michèle Mattelart, nos anos 1960 e 1970 (Ana Carolina Escosteguy, 2020b).

Há pouco tempo, indiquei como marca temporal e intelectual de meu interesse por esse tema o ano de 1998, período do meu doutorado-sanduiche em Birmingham⁸. Hoje, acionando recordações bem mais antigas, situo essa atração no período do mestrado, especificamente 1988-1989, nas aulas da professora Dulcília Schroeder Buitoni, uma “uspiana”, da graduação em Jornalismo e Direito à pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada. Corajosa, em meados dos 1970, no mestrado, deslocou sua atenção do conto brasileiro para a fotonovela. E, no doutorado, realizou seu trabalho de maior repercussão sobre a imprensa feminina brasileira. Dois dos seus textos têm larga circulação nacional, *Imprensa Feminina* (1986) e *Mulher de Papel: A Representação da Mulher pela Imprensa Feminina Brasileira* (2009), sendo fonte bibliográfica obrigatória principalmente em pesquisas sobre revistas femininas.

Não vou, nem caberia aqui, discutir as opções teóricas e metodológicas dessa mestra, de maneira evidente, articuladas com as teorias em circulação e em predominância na área nos 1970-1980. Isso faz parte de meu novo projeto no âmbito de um movimento de resgate, em chave feminista, das experiências de mulheres na história da pesquisa em comunicação e, nesse caso, das possíveis pistas de gênero abertas em sua obra⁹.

Quando menciono a professora Dulcília aqui, penso mais em como ela estimulou minhas reflexões, abriu um horizonte, despertou uma atração. Admirava suas aulas, a atmosfera afável que se criava, seu jeito de passear por uma constelação de temas: da narrativa para a mulher, da(s) mulher(es) para a cultura popular de massa, dessas para as revistas femininas e sua prática jornalística particular, da imagem para seu uso junto à técnica da entrevista. Essas são lembranças de uma atividade cotidiana, da exposição de ideias e ensinamentos do espaço da sala de aula e, portanto, são conhecimentos constituídos fundamentalmente pela transmissão oral¹⁰.

O segundo fio emaranhado nas intervenções de ordem política tem caráter e expressão metodológica. Nesse âmbito, almejo uma confluência ativa com premissas de um modo feminista de pensar, assumindo que o conhecimento produzido contém uma dimensão subjetiva e situada. Nessa direção, a posição de Margareth Rago (2019, p. 380) é tomada como guia:

A despeito das dificuldades, busco assumir um modo de pensar que incorpore essa dimensão subjetiva, reconhecendo que, com isso, de um ponto de vista feminista, delinea-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade.

Apropriar-se dessa ideia implica dar visibilidade às particularidades da voz e experiência de quem fala. Daí a pertinência de revelar um pouco da história pessoal, das decisões e escolhas, algumas individuais, outras nem tanto, em um processo de autoanálise dos percursos de formação e trajetória profissional, destacando momentos chave no processo de minha localização no campo da Comunicação.

De alguma forma, isso se combina com uma preocupação com as formas de expressão narrativa dos relatórios de pesquisa e artigos. Embora não tenha nenhum talento especial com a escrita, ultimamente tenho experimentado o uso da primeira pessoa, convocando a própria experiência como forma de combater uma suposta neutralidade do saber. E tenho insistido, no domínio das referências e citações em artigos, no uso dos prenomes de um contingente de mulheres que permanece encoberto pelo sobrenome que se apresenta como neutro, entendendo essa prática como mais uma ação política.

Neste exercício de revisar meu itinerário, procurando localizar motivações, influências e atrações, percebo que essa preocupação com a escrita talvez tenha seu ponto de origem, também, na sala de aula, dessa vez nas instigantes e inquietantes aulas e interlocuções viabilizadas por outra mestra, Cremilda Medina. Formada em 1964 no curso de Jornalismo da UFRGS, pós-graduada e primeira mestre do próprio Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP, em 1975, ministrava aulas e recebia convidados amigos¹¹ que nos instigavam a pensar, entre outros, temas como a interdisciplinaridade, a complexidade, as relações ciência e arte. Eloquente, sedutora e permanentemente entusiasmada, suas aulas eram um turbilhão de ideias. Nesse caso, apenas encontrei nos meus arquivos o trabalho final da disciplina, datilografado, composto mais livremente e em tom pessoalizado, no qual explorei o tema da busca da identidade cultural em Mario Benedetti, tentando uma aproximação com minhas próprias origens¹².

Por fim, em um terceiro fio da compreensão da prática intelectual com vocação política, busco assumir uma atitude decolonial que, sem desprezar o diálogo e o intercâmbio com o pensamento eurocêntrico e anglo-americano, esteja composta por uma disposição crítica em relação ao passado e ao presente de nossa prática da pesquisa que, em certa medida e em determinadas conjunturas, foi e talvez ainda seja tributária e dependente de tradições teóricas forâneas.

Do mestrado ao doutorado, compreendi a investigação cultural latino-americana nas suas particularidades e diferenças, abarcando heterogeneidades culturais, pluralidades étnicas e diversidades político-econômicas. Contudo, ela não pode ser isolada do restante do pensamento social, ilhada das ideias em circulação. Hoje, esse tipo de posicionamento fortalece também a opção pelo

¹¹ Lembro vividamente de pelo menos três convidados que estiveram com nossa turma: José Paulo Paes, poeta e tradutor; Milton Greco, parceiro de Cremilda em algumas obras; e Sinval Medina, seu companheiro de vida.

¹² Alguns de seus livros faziam parte da biblioteca da minha mãe, uruguaia como Benedetti (1920-2009).

resgate de contribuições de mestras que, principalmente mediante sua atividade docente e interlocução no espaço da sala de aula, marcaram não só minha formação como a de muitas outras. Os modos próprios de pensar e fazer pesquisa, disseminados oralmente e compartilhados ao longo das respectivas jornadas de ensino, também devem compor uma nova história intelectual do campo.

A inexistência do registro desses modos particulares de produção do conhecimento que se constituem no dar aulas, oralmente, contribui para o apagamento da particularidade dessas práticas. Daí a importância de reconhecer as práticas e o papel das mestras Maria Immacolata, Dulcília e Cremilda (e de tantas outras), que, a despeito da lógica masculinista da academia e do fazer científico, construíram um legado intelectual, político e afetivo marcante tanto na ECA quanto no próprio campo da Comunicação.

Enfim, os fios desenovelados voltam-se a juntar em uma trama. Meu itinerário intelectual deve – e muito – a esses cruzamentos, ora momentâneos e criativos – da sala de aula, ora mais estruturados e assentados – das orientações, propiciados pelo PPGCOM da ECA-USP, onde formei minha posição como pesquisadora e feminista, engajada na prática de estudos culturais. ■

REFERÊNCIAS

- García Canclini, N. (1983). *As culturas populares no capitalismo*. Brasiliense.
- García Canclini, N. (1997). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Edusp. (Obra original publicada em 1989)
- Escosteguy, A. C. (1993). *A pesquisa do popular na comunicação: Uma análise metodológica* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Escosteguy, A. C. (1995). A pesquisa do popular na comunicação: O descompasso entre debate teórico e pesquisa empírica. *Revista Famecos*, 2(2), 17-34. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1995.2>
- Escosteguy, A. C. (2000). *Cartografias dos estudos culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini*. [Tese de doutorado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Escosteguy, A. C. (2001). *Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana*. Autêntica.
- Escosteguy, A. C. (2002). Os estudos de recepção e as relações de gênero: Algumas anotações provisórias. *Ciberlegenda*, (1), 1-9. <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36797>
- Escosteguy, A. C. (2004). Latin American media reception studies: notes on the meaning of gender and research methodologies. *Revista Famecos*, (24), 46-54. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2004.24.3264>

- Escosteguy, A. C. (2020a). Comunicação e gênero no Brasil: Discutindo a relação. *Ecopós*, 23(3), 103-138. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27643>
- Escosteguy, A. C. (2020b). Michèle Mattelart e as veias abertas da comunicação e gênero na América Latina. *MATRIZES*, 14(3), 69-91. <http://orcid.org/0000-0002-0361-6404>
- Escosteguy, A. C., Ribas, J. V., & Bianchini, A. (2019). As famílias rurais e as TICs. In A. C. Escosteguy (Coord.), *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)configurações de uma ruralidade* (pp. 102-131). Edunisc. <http://hdl.handle.net/11624/2722>
- Gray, A. (1997). Learning from experience: Cultural studies and feminism. In J. McGuigan, *Cultural methodologies* (pp. 87-105). Sage.
- Hasan, V. F. (2017). Comunicación y género: El devenir del campo en el esntre/siento comunicóloga feminist. Algunas herramientas para pesnar objeto y métodos. In M. Alvarado & A. De Oto, *Metodologías en contexto: Intervenciones en perspectiva feminista/poscolonial/latinoamericana* (pp. 105-124). CLACSO. http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20180209122042/Methodologias_en_contexto.pdf
- Lopes, M. I. V. (2016). Um percurso epistemológico para a pesquisa empírica de comunicação. In M. I. V Lopes, *Epistemologia da comunicação no Brasil: Trajetórias autorreflexivas* (pp. 185-208). AssiBERCOM. http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/epistemologiadacomunicacaonobrasil:trajetoriasautorreflexivas_011120181544.pdf
- Lopes, M. I. V. (1990). *Pesquisa em comunicação: Formulação de um modelo metodológico*. Loyola.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Gustavo Gili.
- Martín-Barbero, J. (2010). Notas para hacer memoria de la investigación cultural en Latinoamerica. In N. Richard, *En torno a los estudios culturales: Localidades, trayectorias y disputas* (pp. 133-141). CLACSO. <http://www.biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/richard.pdf>
- Ortiz, R. (2010). *Trajetos e memórias*. Brasiliense.
- Rago, M. (2019). Epistemologia feminista, gênero e história. In H. B. Hollanda, *Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto* (pp. 371-387). Bazar do Tempo.

